

Apresentação

[Presentation]

REVISTA
comp **política**


revista compolítica

2017, vol. 7(1)

compolitica.org/revista

ISSN: 2236-4781

DOI: 10.21878/compolitica.2017.7.1.317

 Open Access Journal

Alessandra Aldé

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
[Rio de Janeiro State University]

Emerson Urizzi Cervi

Universidade Federal do Paraná
[Federal University of Paraná]

Maria Helena Weber

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
[Federal University of Rio Grande do Sul]

Apresentação

Alessandra ALDÉ
Emerson Urizzi CERVI
Maria Helena WEBER

Os editoriais da Revista Compolítica, em suas quatro últimas edições, correspondentes aos anos de 2015 e 2016, mobilizaram extensivamente a ideia de uma crise democrática enfrentada pelo Brasil. Assistimos ininterruptamente – e não apenas nos noticiários – a um intenso debate sobre a natureza dos processos políticos no sistema representativo e o modo pelo qual eles estão imbricados com os meios de comunicação. O impeachment sofrido pela presidenta Dilma Rousseff tornou ainda mais complexas as tentativas de problematizar esse processo, mas ainda são relativamente tímidas as abordagens na produção acadêmica recente.

Ocorre que, como Aldé, Chagas & Santos (2013) relataram em mapeamento a respeito das teses e dissertações brasileiras produzidas no âmbito da Comunicação Política (e disponíveis em <<http://compolitica.org/diretorio>>), no que tange às análises sobre o papel dos *media* em contextos eleitorais é comum haver um certo *delay* nessa produção. No caso de teses e dissertações, por exemplo, normalmente existe diferença de dois a quatro anos em relação aos episódios investigados. Não é de se estranhar, portanto, que nem sempre as preocupações manifestas nos editoriais, no mais das vezes circunstanciais e escritos no calor dos acontecimentos, espelhem o conjunto articulado dos artigos e demais peças publicadas em um determinado número. É com essa sensação, de que ainda estamos buscando aprofundar as investigações sobre as crises políticas e a ruptura democrática que experimentamos no último ano, que apresentamos ao público a primeira edição de 2017 da Revista Compolítica.

Este número chega afinado também com a última edição do Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (VII Compolítica), realizada entre 10 e 12 de maio de 2017, em Porto Alegre, sob o tema *Democracia em crise? Mídia, opinião pública e instituições do Brasil contemporâneo*. O evento bienal teve como uma de suas principais atrações neste ano a videoconferência com o professor e

pesquisador da University of Leeds Stephen Coleman. A palestra abre esta edição da Revista e a valoriza ao abordar os desafios da democracia contemporânea face aos impactos das mídias digitais. A publicação do material ainda inédito marca uma decisão editorial importante, reforçando os objetivos da Revista Compolítica de se tornar, paulatinamente, um periódico bilíngue, com a promessa de publicação, a cada edição, de pelo menos um conteúdo original em língua estrangeira. É um passo tímido, bem sabemos, mas que vem acompanhado de uma estratégia de divulgação em mídias sociais e em bases indexadoras que nos permitirão alcançar, futuramente, maior visibilidade e acesso aos materiais publicados.

Com satisfação, anunciamos também que, a partir desta edição, a revista acerta sua periodicidade, que andou defasada nos últimos meses. Espera-se que esta retomada da regularidade garanta novas contribuições à revista e maior segurança aos pesquisadores que nos prestigiam quanto aos prazos de publicação.

A presente edição, além do ensaio de Stephen Coleman, conta ainda também com artigo de Felipe Murta, Arthur Ituassu, Letícia Capone, Luiz Leo e Roberta La Rovere, (*Eleições e mídias sociais: interação e participação no Facebook durante a campanha para a Câmara dos Deputados em 2014*) que apresentam os resultados de uma pesquisa sobre interação na rede social nas campanhas de deputado federal. A equipe de pesquisadores da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) avalia o potencial de interação entre candidatos e eleitores a partir da análise de *fanpages* de oito candidatos a deputado federal naquele ano no Estado do Rio de Janeiro. Ao comparar conteúdos de mais de 800 postagens e o nível de interação com os seguidores das páginas dos candidatos, os pesquisadores encontram diferenças significativas na “sobrevivência” e participação em comentários sobre diferentes temas, independentemente da ideologia ou postura do candidato. São também apontadas diferenças significativas no volume de interações nas *fanpages* selecionadas. Os resultados demonstram que postagens sobre agenda de campanha e sobre plataforma de defesa de temas são as que geraram maiores volumes de interações durante a campanha na rede social.

A campanha presidencial de 2014 é objeto de outro artigo desta edição, mais especificamente o uso de estratégias de campanha negativa na rede social Facebook. A pesquisa de Ícaro Joathan (*Ataques online: uma análise das estratégias de campanha negativa antes e durante a campanha presidencial de 2014 no Facebook*) compara as postagens realizadas nas *fanpages* oficiais dos dois principais candidatos daquele ano: Dilma Rousseff (PT) e Aécio Neves (PSDB). O trabalho empírico inclui não apenas o período oficial da campanha, mas também o pré-eleitoral, quando há um potencial de mensagens negativas com menor efeito sobre a imagem de que as divulga. Um dos principais achados da pesquisa é a “reciprocidade” entre os dois candidatos no uso de mensagens negativas para atacar o adversário. Ainda que o candidato de oposição, Aécio Neves, use mais campanha negativa no Facebook durante toda a campanha, ao final, o volume desse tipo de conteúdo cresce exponencialmente nas *fanpages* de ambos os concorrentes.

Cobertura política em revistas semanais é o tema da análise feita por Marcos Paulo da Silva e Raquel de Souza Jeronymo (*Estratégias de retórica e enquadramento na cobertura do segundo mandato de Dilma Rousseff pelas revistas semanais brasileiras*). Eles analisam a cobertura feita pelas revistas semanais *Veja* e *IstoÉ* sobre o primeiro ano do segundo mandato de Dilma Rousseff. A pesquisa aplica a metodologia clássica de *framing strategies* para identificar as preferências dos periódicos no enquadramento do mandato em textos informativos de janeiro a dezembro de 2015. O período de análise justifica-se pela crise política e institucional que ocorre durante todo aquele ano, resultando na abertura do processo de impeachment contra Dilma Rousseff em dezembro de 2015. Os autores encontram elementos de enquadramento já identificados em outras pesquisas com o mesmo formato, principalmente a dramatização, simplificação, superexposição de algumas fontes e silenciamento de outras.

Já Evelyn Aquino analisa as estratégias comunicacionais na campanha do duplo plebiscito no Estado do Pará, para desmembramento do Estado em outras duas unidades da federação: Carajás e Tapajós (*As campanhas eleitorais do plebiscito no Pará em 2011 e o jogo político de construção de imagens*). A campanha aconteceu em 2011 e colocou em lados opostos as elites políticas regionais do Estado. Ao final do processo,

os eleitores optaram majoritariamente em rejeitar a criação das novas unidades da federação. O estudo de caso concentra-se nas estratégias discursivas usadas pelas campanhas a favor e contrária no Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE) à criação dos novos Estados – em especial quanto às imagens dos líderes políticos à frente de cada uma das campanhas. A análise das imagens políticas do HGPE permitiu à pesquisadora identificar o uso do plebiscito como um momento para apresentação de novas elites políticas e econômicas regionais paraenses e não apenas como espaço para defesa pró ou contra a emancipação das regiões.

O artigo de João Kamradt, *É possível confiar nas pesquisas eleitorais? Análise das intenções de votos nas eleições para governadores no Brasil em 2014*, por fim, procura avaliar a confiabilidade das pesquisas de intenção de voto, analisando um total de 302 candidatos nas eleições de 2014. Os resultados apontam para a baixa confiabilidade das pesquisas, que pode ser atribuída segundo o autor a fatores como a utilização da margem de erro pelos institutos de pesquisa, a antecedência com que é feita a coleta de dados e a quantidade de indecisos até a proximidade da votação.

Complementam os artigos desta edição uma resenha e uma entrevista.

A resenha de Mario Luis Grangeia comenta o livro *Mensalão: diário de um julgamento*, organizado por Joaquim Falcão, que reúne cerca de 140 artigos opinativos publicados em jornais como Folha de S. Paulo e O Globo, por pesquisadores da Escola de Direito da Fundação Getúlio Vargas, durante o julgamento do processo conhecido como Mensalão, em 2012.

Na entrevista que encerra este número, Liziane Guazina, Fernanda Martinelli e João Guilherme Xavier da Silva conversam, em dois momentos distintos, com James N. Green, presidente da Brazilian Studies Association (Brasa) entre 2002 e 2004 e atual diretor executivo do secretariado da mesma instituição. Brasileiro, professor do Departamento de História da Brown University, Green foi entrevistado pelos membros do Núcleo de Estudos sobre Mídia e Política (Nemp) da Universidade de Brasília, pela primeira vez em abril de 2016, e concedeu uma segunda entrevista três meses depois, em rápida passagem pelo Distrito Federal. A entrevista, circunscrita naturalmente a uma

temporalidade que a envelhece rapidamente, guarda bons momentos de lucidez quanto à análise do pesquisador sobre o então iminente afastamento em definitivo da presidenta Dilma Rousseff e seus prognósticos em relação às instabilidades institucionais enfrentadas pela democracia brasileira recentemente.

Com o desafio, portanto, de seguirmos atentos aos desdobramentos dessa crise, desejamos a todos boa leitura e reforçamos o interesse de a Revista Compolítica acolher, em suas futuras edições, análises diversas sobre temas circunspectos ao papel desempenhado pelos meios de comunicação face aos episódios políticos que têm se desdobrado nos últimos meses.

Recebemos artigos em fluxo contínuo.